

0331/79

Equipamento - Instalação  
Univ. Beira Interior

« R E C O R T E »  
Apartado 2571  
Lisboa-C-Portugal  
Telef. 443 01

JORNAL NOVO Lisboa	
CORREIO DO SUL Faro	
TERRA MINHOTA Monção	
RECONQUISTA Castelo Branco	30. MAR. 1979
DEVER (O) Figueira da Foz	
ECO (O)	

# FLASHES CITADINOS

## A UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR

A mesa redonda que em boa hora o nosso Jornal realizou nesta cidade por sugestão do Director-Geral do Ensino Superior, deu lugar a tomadas de posição vindas de antigos alunos que, sentiram o problema, talvez até, com mais intensidade do que quantos aqui vivem. Gostaríamos de transcrever na íntegra uma dessas opiniões que, nos foi enviada por um «velho» e bom amigo, advogado de profissão, mas dada a extensão da mesma, iremos, apenas resgatar aquelas passagens que, nos parecem mais significativas.

«(...) Fomos nós dois, com efeito — e quase simultaneamente — que levantámos o problema da «localização das Universidades» a salientar os inigualáveis factores e méritos que impunham, e continuam a impor, Castelo Branco para sede de Estudos Superiores. Lembra-se, meu preclaro Conterrâneo ?

Você aí na Imprensa albicastrense e eu aqui na de Lisboa — «Capital», de 25-6-71, por ocasião das Comemorações bi-centenárias da nossa cidade, e «Diário de Notícias» de 8-3-72 e mesmo na de Castelo Branco, «Reconquista» de 2-11-74 — iniciámos uma cruzada que só não obteve resultados auspiciosos, como era mister, porque o sistema de compadrios e influências então — como hoje infelizmente — relegava a nossa Cidade e a Beira-Baixa para o limbo das regiões esquecidas para não dizer desprezadas.

(...) Eu porém, embora não me resigne a aceitar a causa como tendo transitado em julgado, vou assistindo, perplexo e confuso, a esta ligeireza (para não dizer levandade) com que as entidades responsáveis têm falaciosamente, sobretudo após o «25 de Abril» — e aqui é que me dói ! — criado Universidades ou estabelecimentos a nível superior sem atenderem, sem ponderarem, na missão e objectivos que essas Escolas devem realizar e prosseguir e bem assim nas reais necessidades e potencialidades económicas do País : criadas ou projectadas — como se Portugal fosse uma Nação rica ou dispusessemos de vasto território, v.g., o Brasil — Universidades existem ou virão a existir mas sem viabilidade — acentuamos — por esse País fora ... desde o Minho, Douro e Trás-os-Montes, até Algarve e Ilhas Adjacentes !

Com tantas Universidades criadas — vem aí a do Ribatejo! — quase não será arrojado afirmar, Universidade Católica à parte, que o País não possui Universidades — verdadeiras e autênticas Universidades. Todas elas, com efeito, se encontram numa fase de acentuada decadência e degradação : só a título de exemplo, basta que lhe refira ou lembre uma notícia inserta, muito recentemente, nos jornais através da qual os docentes de uma delas, por sinal restaurada, alertavam a opinião pública para a deficiente qualidade do ensino ministrado.

É que, meu ilustre conterrâneo, como sabe, uma Universidade não se improvisa ... e as que têm surgido, nos últimos tempos, não passam de improvisações.

O ensino — maxime o Ensino Superior — uma vez erecto, deve inserir-se na colectividade devidamente apetrechado e apto a satisfazer, com eficiência, os seus fins científicos, culturais e de preparação de uma carreira profissional. Por outro lado, impõe-se que a colectividade, território ou autarquia em que se insere careça dos conhecimentos veiculados e da preparação profissional que a «sua» Escola ministrou : Justificar a criação de uma Universidade com o fundamento de que ela irá incentivar as actividades económicas regionais e cidadinas — quando o conhecimento generalizado reconhece de ciência certa, colhida da experiência de séculos, a situação de crise permanente de tais actividades — constitui argumento irrealista para não dizer pouco mais que infantil.

Mais além descreve o nosso amigo e correspondente : —  
(...) Então como agora, para nós, uma Universidade terá de radicar numa instituição científica, altamente científica e cultural, e não numa fábrica de diplomados candidatos ao desemprego : criar Universidades adoptando o sistema do «funileiro à porta» constitui um procedimento trágico, decisivamente trágico, para tais Instituições e ludíbrio das gerações futuras — o que, manifestamente, não significa que dê razão aos povos que, em Cortes, solicitavam a Filipe II, I de Portugal, o encerramento da Universidade de Coimbra com o pretexto de existirem no País — já então ! — letrados a mais.

(...) Há nove ou dez anos, meu caro «Chico» Lucas, reivindicar a fundação da Universidade de Castelo Branco — Cidade de tão nobilíssimas tradições intelectuais e académicas — constituía não só uma atitude oportuna como o patrocínio de uma causa justa e meritória ; actualmente, em que a disseminação de pseudo-Universidades se insere numa decisão banal, para não dizer leviana ou caprichosa, Castelo Branco só terá a lucrar jogando na estratégia de aguardar a derrocada final (Marx à parte) dessas Universidadezinhas Universidadezóides e Universidadezecas para solicitar então, a criação de uma verdadeira Universidade.

Não esqueça, também, que neste particular — qual seja o da instalação e localização de novas Escolas Superiores — até a Igreja Católica que tanto deve a Castelo Branco e á Beira Baixa não encontrou local mais consentâneo, fora inaugurar mais uma Faculdade de Direito além da que já possui em Lisboa, senão na capital do Norte.

E acrescenta : — (...) Por outro lado, ainda lamentavamos-nos, antes do «25 de Abril», por não dispormos de naturais da nossa Província com influência no Terreiro do Paço, em S.Bento ou mesmo em Belém que pudessem fazer valer os nossos títulos na concretização de legítimas aspirações ...

E termina a sua amável carta : « Resumindo e concluindo : «Continua tudo como d'antes, no Quartel-general em Abrantes», como soe dizer-se».

Repórter Beirão